

Think Tanks Liberais na América Latina, uma Nova Direita?

Camila Rocha

Departamento de Ciência Política - Universidade de São Paulo - Brasil

Camilarocha44@gmail.com

Simposio Intelectuales, expertos y profesionales en la configuración de las relaciones entre el saber y la política en América Latina

Nos últimos anos, contudo, foi possível observar a ascensão ao poder de políticos de direita em dois dos países mais importantes da região, Chile e Argentina, Sebastián Piñera e Mauricio Macri. Tal fenômeno parece sinalizar a formação de uma direita na região que procura responder ao avanço realizado pelos grupos de esquerda e, para tanto, procura disputar espaços no âmbito da sociedade civil, no sistema partidário e na formação de novas lideranças (Giordano, 2014; Kaltwasser, 2014), situação que parece ocorrer, por exemplo, no Brasil, onde após a reeleição de Lula em 2006, grupos de direita, segundo pretendo argumentar, parecesse terem passado a se articular no sob novas bases, isto é, com novos atores, estratégias e discursos em comparação com as formas de atuação vigentes até então.

Nesse sentido, tendo em vista que as organizações de direita no Brasil possuem redes de relacionamento e parentesco ideológico com outras organizações do mesmo gênero em outros países latino-americanos, especialmente no Chile e na Argentina, procurarei propor, a partir do caso brasileiro, uma reflexão a respeito de quais poderiam ser, afinal, as novidades apresentadas pela direita no subcontinente no âmbito da sociedade civil. Tal reflexão será realizada de forma mais livre a partir de dados preliminares coletados em trabalho de campo junto a organizações e movimentos liberais¹ no Brasil (observação participante, entrevistas, documentos diversos, etc.), especialmente *think tanks*², como o Instituto Liberal no Rio de Janeiro, cujas atividades pude acompanhar de perto nos últimos quatro meses de 2015.

Passando o bastão: a nova geração da direita brasileira

No final do ano de 2015 a sede do Instituto Liberal (IL) na cidade do Rio de Janeiro³ era compartilhada por quatro jovens que trabalham de forma agitada e os poucos recursos materiais de que dispõem para levarem a cabo suas tarefas diárias eram compensados pelo engajamento em uma causa maior. Politizados, não perdiam uma oportunidade de conversar sobre o que acreditam e defender de modo entusiasmado suas ideias para uma sociedade melhor e, a despeito de não se identificarem com nenhum dos grandes partidos

¹ Aqui a palavra liberal será utilizada como sinônimo de neoliberal, isto é, de uma ideologia que propõe estado mínimo e maior liberdade de mercado e cujos principais defensores se articulam internacionalmente por meio de uma densa rede de organizações. (Cockett, 1995; Stedman Jones, 2014)

² De modo mais genérico, *think tanks* podem ser definidos como centros de pesquisa em políticas públicas e/ou difusão ideológica. Para maiores detalhes sobre *think tanks* cf. Weaver, 1989; Smith, 1993

³ *Think tank* liberal mais antigo do Brasil, fundado em 1983. Para mais detalhes sobre o Instituto Liberal cf. Gross, 2006

que compõem o atual cenário político brasileiro, acreditam no poder cultural e político das manifestações espontâneas da sociedade civil e da internet.

A causa que os une está sintetizada de modo telegráfico no mote, “menos Marx, mais Mises”. Apesar de ainda ser muito pouco conhecido entre os jovens brasileiros em comparação com Karl Marx, o nome do economista austríaco Ludwig Von Mises se tornou um dos símbolos do movimento que congrega anarco-capitalistas, libertarianos, liberais e conservadores. Conectados a redes de *think tanks* e organizações civis de âmbito nacional, regional e internacional, os quatro jovens que integram o corpo de funcionários do IL fazem parte do “movimento liberal brasileiro”, ao qual vem se somando nos últimos dez anos novas organizações civis e jovens militantes vindos dos contextos os mais diversos.

Combatendo o que consideram ser uma “hegemonia esquerdista” no país, mas ao mesmo tempo procurando se afastar de uma possível identificação com a direita vinculada ao passado militar do país, os “lutadores da liberdade”, para usar os termos de um dos principais expoentes intelectuais do liberalismo, o economista austríaco Friedrich Von Hayek, passaram a fazer parte de uma nova geração da direita brasileira. Esta nova geração de liberais vem se formando a partir da sociedade civil, principalmente a partir do mundo virtual, e ocupando de forma bastante rápida os espaços deixados pelos liberais mais antigos, que atuaram entre a metade da década de 1960 e o início dos anos 2000, caracterizados pelo atual diretor do Instituto Liberal, empossado em 2013, como sendo mais “elitistas” e “aristocráticos”, o que faz algum sentido tendo em vista o histórico do movimento no país.

No Brasil as primeiras organizações que possuíam como missão a difusão do pensamento neoliberal não surgiram a partir de uma mobilização de intelectuais de origem universitária e militantes de origens diversas, mas de empresários. As primeiras organizações civis liberais que surgiram no Brasil foram o Instituto Liberal, inaugurado em 1983 na cidade do Rio de Janeiro pelo empresário canadense Donald Stewart Jr., dono da ECISA, uma empresa do ramo da construção civil, e o Instituto de Estudos Empresariais (IEE) em 1984, na cidade de Porto Alegre, pelos empresários e irmãos William e Wilston Ling, cujo pai, Sheun Ming Ling, foi pioneiro no desenvolvimento da soja no Brasil a partir do início da década de 1950. Apesar de ambos os institutos defenderem a diminuição da participação do Estado na economia do país, é possível dizer que a preocupação dos empresários brasileiros com a limitação das atividades estatais é relativamente recente, tendo em vista o histórico das interações entre as classes empresariais e o Estado no país.

De acordo com o cientista político Álvaro Bianchi (2001), foi apenas no período no final da ditadura militar na década de 1970, em virtude de uma crise política e econômica, que Bianchi qualificou como uma crise de hegemonia no sentido gramsciano, que certos empresários passaram a realizar um movimento de unificação de interesses que se iniciou na campanha contra a estatização e continuou na esteira das greves do ABC, quando oito líderes empresariais se reuniram para divulgar um documento político. Tal movimento procurou alargar os limites de uma representação puramente corporativa de seus próprios interesses, e foi justamente nesta época que o Instituto Liberal foi fundado por Donald

Stewart Jr.. A ligação do Instituto ao empresário era tão forte, que nos primeiros anos a sede do mesmo foi uma sala do 27º andar de um edifício localizado à Rua Presidente Wilson, 231, na Cinelândia, cidade do Rio de Janeiro, o qual era ocupado pela ECISA.

Com a perda progressiva de receitas após o falecimento de Stewart, o Instituto precisou mudar para sedes cada vez menores com o passar do tempo. Segundo relata um funcionário antigo do Instituto, a partir de junho de 2013, com a morte de Donald vários financiadores decidiram cortar as doações que repassavam a entidade, o que fez com que o IL entrasse em sua pior fase em termos de arrecadação de doações desde sua fundação.

A transição dos quadros antigos do Instituto começou a se dar ainda em 2012, em uma reunião que contou com o economista Rodrigo Constantino, famoso polemista brasileiro de direita e atual presidente do Instituto, Bernardo Santoro, bacharel em direito e atual Diretor Administrativo, e Sallim Mattar, empresário que possui uma relação de longa data com o IL e que se dispôs a continuar contribuindo com doações e o antigo presidente Arthur Chagas Diniz. Porém, foi apenas em junho de 2013, em meio às manifestações que tomaram conta das principais cidades brasileiras em prol da melhoria de serviços públicos, que Rodrigo Constantino de fato assumiu a presidência.

A transição de quadros efetuada no IL em junho parece ser um evento crítico do processo de constituição de uma nova direita brasileira. A saída do antigo presidente, Arthur Chagas Diniz, que trabalhou na década de 1960 ao lado de Roberto Campos, um dos mais famosos liberais brasileiros, durante o mandato do General Humberto Castelo Branco, e a entrada de Rodrigo Constantino, jovem economista carioca com MBA em finanças e militante do movimento liberal há quase dez anos, é bastante representativa nesse sentido. Afinal, esta nova direita contaria com a emergência de novas lideranças a partir de redes de militantes liberais que se formaram em grande medida a partir da internet e de fóruns específicos do movimento liberal, especialmente em comunidades da antiga rede social *Orkut*, principalmente a partir do final do primeiro mandato de Lula da Silva (2003-2006).

No que tange à proposição de políticas públicas não há grande diferença com as gerações mais antigas de liberais. Continuam a defender o *voucher* proposto pelo economista Milton Friedman para que os pais matriculem seus filhos em escolas privadas, a privatização de serviços de saúde, educação superior, previdência, e o incentivo a programas de caridade direcionados aos mais pobres, porém, suas estratégias discursivas e organizativas são novas em comparação com as que eram adotadas anteriormente.

Se antes o objetivo central dos *think tanks* liberais era o de influenciar formadores da opinião pública e elites governamentais, agora existe uma preocupação em atingir setores mais amplos da sociedade. De acordo com Bernardo Santoro, atual Diretor Executivo do IL, os militantes do movimento liberal têm procurado abandonar, em seus próprias palavras, uma “linguagem almofadinha” em prol de um discurso mais popular, dirigido aos setores mais pobres da sociedade e que se conectam a práticas políticas alternativas:

“As ideias liberais são aquelas que efetivamente ajudam o povo e tão do lado do povo contra a tirania do governo, dos políticos e dos corporocratas que

fazem negociatas com políticos, então *o liberalismo é a verdadeira ideologia dos pobres*. Só que ao passo que os liberais entendem tudo de economia e sabem que o liberalismo é a melhor coisa que tem pros pobres, a gente não manjava nada de política e o nosso discurso era muito ruim, daí a gente pensou “por que é que a gente não pega modelos políticos de fora, vê onde eles erraram e onde eles acertaram, e a gente traz aqui pro Brasil, *fazendo uma linguagem popular do liberalismo?*” (Entrevista gravada em 2015)

Esta linguagem mais popular do liberalismo de fato pode conseguir ultrapassar os limites da classe média e atingir setores das classes trabalhadores. Um exemplo ilustrativo disso é a recente adesão de militantes como Roberta⁴, estudante universitária carioca de 24 anos, cuja mãe trabalha como empregada doméstica. Roberta, que estava presente no Encontro dos Estudantes pela Liberdade em São Paulo, tem tatuadas no braço direito as palavras “vida”, “liberdade” e “propriedade”, usa seus próprios recursos para comparecer aos eventos do movimento, e afirma que o “*capitalismo popular*”, ou “*capitalismo para os pobres*”, ao propor o *empreendedorismo como solução para a pobreza*, fizeram total sentido para ela, que inclusive decidiu abandonar a graduação de comunicação social para fazer um curso de nível técnico com enfoque em empreendedorismo. Roberta afirmou ter “despertado para a política” por conta das manifestações de 2013 no Rio de Janeiro, e seu primeiro contato com o ideário liberal se deu a partir da leitura das colunas jornalísticas de Rodrigo Constantino.

A ideia de empreendedorismo também fez sentido para Diego Bomfim, mineiro de Montes Claros de 32 anos que atualmente é diretor do primeiro Diretório Central dos Estudantes do IBMEC, renomada faculdade de negócios brasileira, organizado em 2014. Diego, assim como Roberta, também fez um curso técnico com enfoque em empreendedorismo pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas) quando contava com dezoito anos e vendia material reciclável abandonado para ganhar dinheiro, e desde então afirmou que o ideário liberal passou a fazer sentido em sua vida ainda que na época não se organizasse politicamente em prol de sua difusão, como o faz agora, ao frequentar eventos do movimento liberal e ao almejar disputar com o Partido Comunista do Brasil a direção da União Nacional dos Estudantes.

Além da mudança de linguagem e público alvo, o movimento liberal também atualizou suas formas anteriores de organização, consideradas por Bernardo como “centralistas” e “aristocráticas”. Para tanto, vem se tornando mais descentralizado, privilegiando iniciativas espontâneas de grupos dispersos na sociedade civil e o uso de mídias virtuais para a difusão de suas ideais. Para Bernardo, na metade dos anos 2000 o movimento liberal no Brasil estava morto porque após a eleição de Fernando Henrique Cardoso os empresários brasileiros acharam que tinham ganhado o debate político e deixaram de financiar as atividades do Instituto Liberal. Seu renascimento teria se dado no final do segundo mandato de Lula em virtude de movimentos espontâneos de pessoas e grupos que passaram a se encontrar em fóruns virtuais e posteriormente em encontros do movimento liberal, em um dos quais Bernardo pode conhecer pessoalmente Rodrigo

⁴ Os nomes das pessoas entrevistadas que não são figuras públicas foram alterados para proteção de suas identidades.

Constantino no ano de 2008 no Fórum da Liberdade em Porto Alegre, promovido desde os anos 1980 pelo Instituto de Estudos Empresariais.

Além de *think tanks*, outros tipos de organização começaram a povoar o movimento liberal brasileiro. No Sudeste, em meio às manifestações de junho de 2013 formou-se um grupo chamado “Movimento Brasil Livre” (MBL), do qual Bernardo Santoro foi um dos fundadores. Inicialmente criado apenas como forma de mimetizar o movimento social de esquerda chamado “Movimento Passe Livre” (MPL), o MBL acabou se tornando um movimento de grande alcance no cenário político brasileiro, o que pode ser constatado pelas mais de um milhão de curtidas contabilizadas em sua página do Facebook. Após terem ficado acampados por dezenas de dias na frente do Palácio do Planalto em Brasília em prol do impedimento de Dilma Rousseff, um de seus principais membros, um jovem de 20 anos, Kim Kataguiri, passou a publicar uma coluna semanal em um dos principais e mais prestigiados jornais do país, a Folha de São Paulo.

O surgimento de grupos e organizações liberais autônomas não só vem crescendo nas regiões Sul e Sudeste do país, onde tradicionalmente se concentram a maior parte do movimento liberal brasileiro. Um dos grupos de estudo tidos como mais importantes e representativos do movimento, por exemplo, é um grupo cearense “Dragão do Mar” - cuja simbologia remete ao abolicionista Francisco José do Nascimento - que surgiu na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, a partir do esforço de militantes liberais locais, uma das quais trabalhava no IL em 2015. Logo após a formação do grupo seus integrantes já fizeram parte de um movimento que se organizou para a fundação do Líber, o primeiro partido libertário brasileiro, a qual não ocorreu pois seus fundadores não conseguiram coletar assinaturas suficientes para oficializar a agremiação.

Porém o grupo obteve vitórias em outras frentes. Além de terem sido convidados pelo “Ordem Livre”, um *think tank* liberal do Rio Grande do Sul financiado pelo *Cato Institute* (*think tank* de direita norte-americano) que havia sido fundado em 2006, para fazerem parte de um programa educativo chamado “Liberdade na Estrada”, que consistia na apresentação de palestras em escolas sobre temas liberais, eles também conseguiram fazer com que a disciplina de economia marxista, antes obrigatória no currículo do curso de graduação em Ciências Econômicas na Universidade Federal do Ceará, passasse a ser optativa, e que uma nova disciplina optativa, baseada nas teses defendidas por Ludwig Von Mises fosse ofertada periodicamente pelo corpo docente, “conquista” que é percebida pelos militantes do grupo como uma vitória ante aquilo que consideram como sendo uma “hegemonia marxista e esquerdista” que permeia os currículos não apenas de universidades públicas e privadas, mas também o de muitas escolas de ensino fundamental.

Relatos de coerção, censura e perseguição por parte de professores, e mesmo de colegas, “marxistas” e “esquerdistas” são razoavelmente frequentes entre os militantes liberais. Roberta, por exemplo, afirmou que uma das principais razões para ter deixado de frequentar a graduação em comunicação social em uma universidade privada foi a agressividade verbal empregada por colegas e um professor quando defendeu argumentos liberais em sala de aula. Bernardo, diretor do IL, relatou que foi perseguido quando ministrou aulas como professor substituto em uma universidade pública carioca e que

precisou conversar pessoalmente com um professor da escola de seu filho por conta do que alegou ser uma imposição de visões socialistas em sala de aula. Para Santoro, tanto o colégio como a faculdade que frequentou eram hegemonizados por visões marxistas que o impediram de ter acesso a outras fontes de conhecimento, mas que ao menos agora que o movimento liberal vem ganhando maior visibilidade com a popularização da internet:

“No Brasil, antes da popularização da internet, não se sabia o que era liberalismo, a verdade é essa. Você só lê Marx, só ouve Marx no colégio, eu saí do colégio achando que existia mais-valia, e aí? Eu fui ler Bohm-Bawerk, o cara que destruiu o Marx, do ponto de vista econômico, em 2007, já com 25 anos. Tem alguma coisa errada com a nossa educação. Eu sequer tinha acesso ao outro lado, sendo que eu era um sujeito bem formado na melhor faculdade do Estado do Rio de Janeiro. Agora tem, agora a gente entrou totalmente no debate político. Ninguém vive no Brasil sem ter ouvido falar em Rodrigo Constantino (...). ***É recorrente nas faculdades agora você ter pelo menos ouvido falar daquilo e ter curiosidade de ler, e aquilo te instigar aquela fagulha revolucionária, porque você é um contestador do status quo.***”

De acordo com Bernardo, a penetração do ideário liberal também é facilitada pela insatisfação popular frente aos escândalos de corrupção do governo que faz com que as pessoas passem a buscar respostas alternativas àquelas fornecidas pela esquerda. Um bom exemplo disso é próprio designer do Instituto Liberal, um gaúcho filho de pais petistas que começou a prestar mais atenção nas dinâmicas políticas do país a partir da divulgação dos escândalos de corrupção relacionados ao PT e encontrou uma “resposta” no liberalismo econômico, o que fez com que se interessasse em trabalhar no Instituto Liberal para que pudesse estar inserido em alguma forma de ativismo que “contestasse o *status quo*” e fornecesse, como afirma Santoro, uma “solução real” aos problemas políticos e econômicos do país:

“Por que qual é a resposta? (...) O liberalismo vai dar a solução real “você tem que diminuir o Estado e retirar poder do político e devolver pra sociedade civil”. Até o Jair Bolsonaro tá estudando, sério! O Jair Bolsonaro até dez anos atrás falava “precisamos estatizar tudo”, agora ele já falando que precisa privatizar. Há dez anos atrás ele falava “tem que estatizar a Petrobrás, viva a Petrobrás, Petrobrás é um patrimônio nacional”.”

Jair Bolsonaro, o mais famoso político de extrema-direita brasileiro, parece ter seguido os conselhos de Bernardo Santoro e recentemente passou a defender publicamente as vantagens do livre-mercado. Bolsonaro se lançou candidato a presidente pelo Partido Social Cristão (PSC) para as eleições de 2018, cujo programa é escrito justamente por Bernardo Santoro, e já conta com 11% das intenções de voto entre as classes médias brasileiras segundo a última pesquisa do Instituto Datafolha.

Durante as eleições presidenciais de 2014 a síntese programática “É preciso privatizar tudo”, que foi repetida com exaustão pelo então candidato à presidência do PSC, Pastor Everaldo, foi fruto do trabalho de Bernardo Santoro, que ficou responsável não apenas por escrever o programa de governo do candidato da agremiação cristã como também por

convencer o próprio político a deixar de lado sua visão de mundo “estatista” e adotar o credo liberal. No ano corrente (2016), Santoro ficou responsável por coordenar a campanha de um dos filhos de Bolsonaro à prefeitura do Rio de Janeiro, cujas eleições ocorrem em outubro deste ano, também pelo PSC.

Além do PSC, outra frente partidária de atuação do movimento liberal e que conta com o apoio de vários jovens que participam do movimento liberal reside no “Partido Novo”. Fundado em 2011 por um alto executivo de um dos maiores bancos do Brasil, o Banco Itaú, o programa do Partido Novo guarda bastante semelhança com o PRO do atual presidente argentino Mauricio Macri e aposta no empreendedorismo, na eficiência e em uma “gestão governamental profissionalizada” como motes principais, além de defender o livre-mercado e a visão do indivíduo como agente de mudanças e o único gerador de riquezas. Porém, ao contrário do PSC, até agora, não houve qualquer movimentação que sugerisse a apresentação de candidaturas para as próximas eleições.

Considerações Finais

De forma sucinta é possível apontar algumas possíveis diferenças de atuação da nova geração dos liberais brasileiros, que passou a integrar o movimento a partir da metade dos anos 2000, em relação aos liberais mais antigos que atuaram, ou ainda atuam em *think tanks* e demais organizações civis da metade dos anos 1960 até o início dos anos 2000, as quais talvez possam ser estendidas em maior ou menor grau para outros países da região:

1. O discurso liberal parece estar deixando de ser direcionado apenas para lideranças e camadas dirigentes e buscando atingir setores mais amplos da população, notadamente as classes médias e médias-baixas, invocando princípios como o empreendedorismo, a meritocracia, a livre concorrência e a criatividade popular.
2. As formas de organização parecem ter se tornado mais horizontais e fluídas e passaram a contar largamente com o recurso a redes sociais e a incentivar grupos formados de forma espontânea a partir da sociedade civil especialmente a partir de meios virtuais e que obedecem a uma lógica de atuação em moldes parecidos com aqueles promovidos por movimentos sociais: passeatas, acampamentos, militância de base, etc..
3. O recrutamento de novas lideranças se democratizou em comparação com a geração passada e passou a ocorrer de baixo para cima. Os novos militantes, oriundos em grande medida das classes médias e médias-baixas da sociedade e menos mais de setores de elite empresarial ou governamental, passaram a procurar as organizações liberais em função de uma formação ideológica prévia, fazendo com que o acesso a tais organizações se tornasse menos restrito.
4. Em vez de procurar influenciar apenas elites governamentais já estabelecidas e partidos políticos tradicionais, há uma preocupação em buscar aliados políticos de menor expressão política mas com alguma projeção no cenário político nacional, como Jair Bolsonaro, e em formar novos partidos que sejam ideologicamente mais “puros”, como o Líber e o Partido Novo.

Bibliografia

BIANCHI, Alvaro. Crise e representação empresarial: o surgimento do pensamento. *Revista de Sociologia e Política*, v. 16, n. 16, p. 123-142, 2001.

COCKETT, Richard. *Thinking the Unthinkable: Think-tanks and the Economic Counter-revolution 1931-1983*. Harper Collins Publishers, 1995.

GIORDANO, Verónica. “¿Qué hay de nuevo en las «nuevas derechas»?”. *Nueva sociedad*, n. 254, p. 46-56, 2014.

GROS, Denise. “Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na Nova República”. *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*, 2006.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira. “La derecha en América Latina y su lucha contra la adversidad”. *Nueva sociedad*, n. 254, p. 34-45, 2014.

SMITH, James A. *Idea brokers: Think tanks and the rise of the new policy elite*. Simon and Schuster, 1993.

STEDMAN JONES, Daniel. *Masters of the universe: Hayek, Friedman, and the birth of neoliberal politics*. Princeton University Press, 2014.

WEAVER, R. Kent. “The changing world of think tanks”. *PS: Political Science & Politics*, v. 22, n. 03, p. 563-578, 1989.